

Editorial

Novas águas correm o rio

Se o pensamento descobrisse nos espelhos giratórios dos fenômenos relações eternas que os pudessem resumir e resumir a si mesmas num princípio único, poderíamos falar de uma felicidade do espírito da qual o mito dos bem-aventurados seria uma ridícula falsificação.

[Albert Camus]

O desejo de eternidade paira a humanidade por muito tempo. Há pelo menos quase três milênios, a busca pela identidade invadia as contemplações filosóficas. A perenidade daquilo que “é” era perseguida com todas as forças em Eleia, na Academia e no Liceu. O convencimento geral da busca metafísica, alicerce de toda uma tradição, firma-se de uma vez com os medievais e culmina na invenção do sujeito pelos primeiros modernos. Devir, mera aparência das coisas. Sem olhar ao redor, não entendíamos a “invenção” do próprio Ser.

Quão enigmático podia ser pensar o movimento. Como se poderia supor que os contrários são um? Dia, noite; quente, frio; vida, morte e todos os exemplos que possamos encontrar. Fácil. Fogo: aparecer, farfalhar e transformar disto que é. O pensamento de Heráclito afastava-se, pois, do imutável para dar lugar de permanência ao rio. Emblemático, as águas nunca deixam de fluir. *Panta Rhei!* O princípio é o fluxo, inteligível pelo *logos*. Um filósofo da *physis*, “Obscuro” pelos que desejam eternidade, fundamenta a mudança.

Sistemas, conceitos, sujeitos se passaram até que pudéssemos resgatar o devir no início da contemporaneidade. A evolução dialética do Absoluto, niilismos, filosofias da diferença, do processo. Expressão de devires. Devir que transcende as investigações cosmológicas, não mais o âmbito da *physis*. Porém, o mesmo princípio. Nesse sentido, o Tempo é senhor – a quem poderia caber orações. Lógico, linear, múltiplo, aleatório, não importa tanto a forma que o pensemos quanto às transformações das quais lhe atribuímos. Transformações subjetivas, objetivas... fluxo. Permita-nos fazer uma analogia (anacrônica) entre Wittgenstein e Raul Seixas.

O maduro Wittgenstein experimentou a força que o tempo lhe impôs. Em meio às investigações da linguagem e do pensamento, o jovem supôs ter resolvido todos os problemas filosóficos, afinal as questões colocadas pela tradição eram descabidas, um contrassenso e, portanto, cabe a filosofia analisar a linguagem, a estrutura dos estados de coisas; nada mais que uma atividade de correção dos limites do que pode ser dito. Calou-se e até largou a filosofia, pois nada mais havia a ser feito. Maduro, percebeu o quão descabido foi pensar assim, haviam muitas questões filosóficas a serem respondidas ainda. Mudou, a velha opinião havia se desfeito. Rompeu, pois, com as “estruturas” e apresentou a noção de jogos. O significado vem da *práxis*. A filosofia se torna novamente interessante e ganha novos contornos. Com ela a tarefa pragmática.

Em pedidos de perdão pelas divagações, com satisfação, publicamos aqui o dossiê organizado pelo prof. Dr. Valério Hillesheim, “Filosofia da Linguagem”, vol. 4, n. 1 da *Anãnsi: Revista de Filosofia*. Com efeito, aproveitamos a oportunidade deste editorial para agradecer os discentes de graduação e pós-graduação, mestres e doutores que contribuíram para esta edição, também os pareceristas sem a qual o rigor das publicações não seria possível. O crescente interesse pela produção textual a nível acadêmico, torna a dedicação à leitura, pesquisa e escrita essencial para um trabalho de qualidade. Em vista disso, a revista cumpre o papel de divulgar esses trabalhos com a expectativa de que sirvam como fontes de estudos, pesquisas e inquietações.

Esta é a primeira edição da *Anãnsi* após os novos rumos políticos do país, a retomada democrática (ainda que com suas limitações). A revista surge no início da última pandemia global, em maio de 2020, e em meio ao (des)governo neofascista, com a proposta de divulgar trabalhos acadêmicos em Filosofia ao tom ou destoantes dos objetos filosóficos do cânone. O trabalho dos editores esteve inserido no contexto de preocupações sanitárias e implicações políticas de cerceamento às pesquisas na área de Humanas. A cada novo número, há um regozijo pela manutenção das considerações críticas inerentes a cada texto acadêmico publicado, por manter acesa a chama filosófica.

A filosofia, ora ou outra, enfrentou tempos sombrios em que se buscou limitar sua atuação. No entanto, ela sobrevive até aqui. Longe de supor que ela é sinônimo de pensamento, e que por isso a impossibilidade de seu desaparecimento se daria porque pensar faz parte da “natureza humana”, é preferível imaginar que a sua continuidade se deve ao fato de seu caráter fluido e plural. Outrora a ética predominou, em outros períodos a teoria do conhecimento; outros, as questões sobre a linguagem. Dentro de todas as áreas, as incontáveis formas de filosofar e as incontáveis filosofias que emergiram/emergem ao longo do tempo consolidam a tradição. As questões dos (as) filósofos (as), por sua vez, estão sempre à luz de sua contemporaneidade.

Na Añansi, há o objetivo de mostrar os diversos retratos da filosofia, sem distinção. A revista é reflexo do curso ao qual se vincula. A licenciatura plena em Filosofia na UNEB surge em 2014 com a proposta de atender ao perfil de estudantes do noturno, discentes e também trabalhadores, que logo tornaram-se protagonistas. As Semanas de Filosofia começaram a ser organizadas inteiramente pelos discentes e os projetos de extensão, ensino e pesquisa foram invadidos pelas questões que mais inquietavam cada um (a) deles (as). As movimentações, em diálogo com o colegiado, foram cruciais para inserir novos componentes curriculares na ementa, atualizada no ano passado.

Se até aqui falamos dos diversos âmbitos de mudança (*arkhé*, subjetiva, política, institucional), cumpre apresentar o porquê: com imensa satisfação apresentamos esta edição especial dedicada à Filosofia da Linguagem, um campo de estudo que há muito tem intrigado e inspirado mentes inquisitivas. Os trabalhos selecionados para este dossiê exemplificam a riqueza e a diversidade de abordagens que permeiam essa disciplina, oferecendo aos leitores uma visão abrangente das reflexões contemporâneas sobre a natureza e o papel da linguagem em nossa compreensão do mundo.

As páginas deste dossiê refletem a profundidade das investigações filosóficas que têm ocorrido nos campos acadêmicos ao redor do mundo. Começando pela análise minuciosa das intuições originárias de Gottlob Frege por João Carlos Salles, somos conduzidos por uma jornada que nos leva da estrutura ontológica da linguagem em "Ser e Tempo" de Martin Heidegger, explorada por Daniel Conceição de Araújo, até a dialética linguística e a responsabilidade hermenêutica em uma sociedade dialógica moderna, oferecida por Edimarcio Testa. A interseção entre a filosofia da linguagem e a ciência é abordada por Wagner Teles de Oliveira, que nos conduz por entre os corredores da teoria da ciência e da linguagem, demonstrando como as duas disciplinas dialogam e influenciam-se mutuamente. Ainda mais intrigante é a análise de Janaína Silveira Mafra, que desvenda o mito de Helena de Troia como um emblema do discurso, levando-nos a repensar o poder retórico e a sedução linguística.

Na seção de artigos, exploramos a potência de uma única pergunta filosófica e a crítica perspicaz de Emmanuel Mounier ao individualismo contemporâneo. Aprofundamo-nos ainda mais nas reflexões sobre o neoliberalismo e a exploração do self, assim como nas análises acerca das teses de Walter Benjamin e Edgar Allan Poe. Os ensaios trazem uma dimensão fenomenológica ao questionário no estudo Normas y Valores Científicos, ilustrando como o fenômeno Hawthorne pode ser entrelaçado com a pesquisa científica. E as traduções feitas com dedicação trazem ao leitor de língua

portuguesa uma oportunidade ímpar de acessar o pensamento de filósofos traduzidos para uma melhor divulgação de suas produções.

Esta edição especial, dedicada à Filosofia da Linguagem, não apenas mergulha nas profundezas das ideias filosóficas, mas também expande seus horizontes ao trazer um elemento enriquecedor para a comunidade acadêmica. Além dos trabalhos selecionados cuidadosamente para esta publicação, temos o privilégio de apresentar resumos das comunicações proferidas na IV Semana de Filosofia da Universidade do Estado da Bahia.

Ao incluir esses resumos, desvendamos uma dimensão dinâmica da filosofia, onde as discussões transcendem as páginas escritas e ganham vida nos corredores das conferências e debates. A IV Semana de Filosofia serviu como um fórum inspirador para a troca de ideias, a análise crítica e a construção coletiva do conhecimento. Os resumos das comunicações oferecem uma visão panorâmica das diversas vozes que contribuíram para esse evento, abrangendo uma variedade de temas e perspectivas. Deixamos claro que a filosofia não é uma disciplina isolada, mas um diálogo contínuo e interconectado entre mentes inquisitivas. Portanto, esta edição não se limita a ser um registro estático das reflexões filosóficas, mas também nos convida a imaginar a riqueza das discussões que ecoaram durante a Semana de Filosofia. Celebramos não apenas as ideias expressas nestas páginas, mas também o espírito colaborativo e o desejo incessante de busca por sabedoria que a IV Semana de Filosofia representou.

À medida que esta edição chega ao fim, esperamos que essas reflexões profundas sobre a Filosofia da Linguagem possam provocar discussões envolventes e fomentar um diálogo contínuo sobre a natureza da linguagem, sua influência em nossas vidas e suas implicações filosóficas. Que esses trabalhos inspirem tanto os estudiosos iniciantes quanto os acadêmicos experientes a mergulharem ainda mais fundo nesse vasto oceano de indagações e significados. Agradecemos a todos os autores, pesquisadores e colaboradores que tornaram possível esta edição, e esperamos que os leitores encontrem nesta seleção uma fonte valiosa de insights e inspirações.

Com gratidão, sete abraços,

João Vitor dos Santos Cruz
Universidade do Estado da Bahia
Salvador, agosto de 2023